

## **O PROJETO DE EXTENSÃO EM MEDIAÇÃO DE CONFLITOS: CONHECER PARA INTERVIR COMO ESTRATÉGIA PARA REDUÇÃO DA INDISCIPLINA E VIOLÊNCIA NA ESCOLA<sup>1</sup>.**

Veridiana Torres da Silva<sup>1</sup>; Anne Larisse Pereira Rodrigues<sup>2</sup>; Sinara Mota Neves de Almeida<sup>3</sup>

*Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira;*

*Email: torresveridiana@yahoo.com.br<sup>1</sup>; annelarisse.pereira@outlook.com<sup>2</sup>; sinaramota@unilab.edu.br<sup>3</sup>*

Graduanda em Ciências da Natureza e Matemática pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira<sup>1</sup>; Graduanda em Física pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira<sup>2</sup>; Profa. Dra. em Educação do Instituto de Ciências Exatas e da Natureza pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira<sup>3</sup>

### **Resumo**

O projeto de extensão Mediação de conflitos: conhecer para intervir parte da compreensão da escola como espaço que tem um compromisso ético com a formação cidadã. No atual contexto, marcado por tensões e contradições sociais que naturalizam processos de desumanização, faz-se necessária a vivência de valores como a liberdade, diálogo e justiça que se constituem como importantes bases para o respeito à vida. Nesse sentido, a escola deve assumir-se como um espaço para debate das diferentes realidades e promoção de uma visão crítica e solidária do comportamento humano. O projeto mediação colabora com a construção e o fortalecimento da cultura de paz, atuando junto à comunidade escolar – professores, estudantes, pais/responsáveis - através de atividades socioeducativas e culturais contínuas, que possibilitem a vivência de experiências cooperativas de compreensão e discussão de normas e valores.

Palavras-Chave: Escola. Violência. Mediação de conflitos.

### **Introdução**

O projeto de extensão em mediação de conflitos teve início no ano 2015. Nesta primeira versão o projeto se propunha a qualificar docentes, alunos e pais/responsáveis do ensino público para o desenvolvimento de estratégias para redução da violência no ambiente escolar em instituições de ensino fundamental dos Municípios de Acarape e Redenção, localizados no interior do estado do Ceará. Os objetivos específicos definidos para aquele momento consistiam em atuar com as dificuldades encontradas pelas escolas no que diz respeito ao trabalho da prevenção da violência e indisciplina; proporcionar fundamentação teórica básica sobre a temática e planejar e implementar estratégias de mediação de conflitos junto à comunidade. As escolas selecionadas para acolherem o projeto tinham em seu histórico a presença de desigualdades manifestas nos aspectos sociais, econômicos e culturais que, conjugados, se traduziam em fenômenos como a indisciplina, a violência, o desrespeito às regras e a qualquer tipo de autoridade.

<sup>1</sup> Este artigo faz parte do projeto de Extensão do Projeto de Mediação de Conflitos nas escolares: conhecer para intervir.

Vale referir que a realidade encontrada nestes espaços é comum a outros tantos espalhados pelo Brasil e quase sempre vêm acompanhadas de outros fenômenos como a reprovação, a desmotivação e a evasão, que interferem em indicadores de qualidade do trabalho desenvolvido pela escola, como o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).

Entre o segundo semestre de 2015 e o primeiro semestre de 2016, o projeto desenvolveu atividades voltadas à formação dos sujeitos para a compreensão do que seria mediação de conflitos; a construção de diferentes formas / estratégias de intervenção junto aos sujeitos no processo de implantação de salas de mediação de conflito; além da realização de atividades alusivas à cultura de paz. Neste processo, ainda em marcha, já é possível visualizar resultados positivos: a superação de atitudes como a busca por dos culpados para realização de sanções ou castigos em direção à busca do diálogo entre as partes para compreensão do conflito e resolução do mesmo; a mudança na forma de ver o conflito, compreendendo-o em sua dimensão educativa; o fortalecimento da compreensão do espaço escolar como um ambiente propício para a socialização do adolescente e lugar qualificado para a difusão do conhecimento, expansão intelectual e afetiva do estudante.

Compreendemos que a consolidação de um processo dessa envergadura, que contempla elementos geralmente invisibilizados nos processos de formação inicial e contínua dos educadores brasileiros, como a dimensão humana da formação, necessita de tempo e de suporte para que se consolide, possibilitando às escolas a incorporação da cultura de paz e da mediação de conflitos como um elemento político pedagógico. Desse modo, nos propomos a avançar no processo de fortalecimento das ações do grupo, investindo, além das práticas formativas utilizadas no momento de implantação, para o fortalecimento das ações de arte e cultura como possibilidades de expressão e de formação da comunidade escolar.

Destaca-se que a finalidade do projeto de mediação de conflitos deve oportunizar: criação de ambientes de aprendizagens seguros; promoção de ambientes de aprendizagem construtivos; desenvolvimento pessoal e social dos alunos; orientação de uma perspectiva positiva dos conflitos.

## **Desenvolvimento**

A sociedade contemporânea, marcada pela pressa, pela crise de valores, pela competitividade e pela padronização de hábitos e costumes, faz com que elementos relacionados à nossa sensibilidade sejam desprezados, que nossas diferenças que nos torna singulares sejam tomadas como elementos de discriminação e preconceito, que a criatividade e a arte sejam cada vez mais enterradas (MOSÉ, 2015). Desse modo, as manifestações de conflito que ocorrem no contexto

escolar são expressões dos contextos mais amplos de vivência dos nossos estudantes. O primeiro passo para a superação desta realidade é acolhê-la de maneira crítica, compreendendo o que ela tem a nos ensinar. Os estudantes costumam expressar seus sentimentos através das mais diferenciadas formas: o modo de se vestir, de andar, falar ou movimentar-se; o tipo de música que canta; os desenhos que faz, entre outras tantas formas de expressão que passam são compreendidas pela escola como formas de rebeldia a serem corrigidas por punições. Pesquisas realizadas no âmbito da educação, como a realizada por Martins (2015) nos ajudam a compreender este processo de maneira mais ampla:

[...] ao nos aproximarmos das pichações temos como estabelecer um encontro com a cultura material deixada pelos jovens que vivem o cotidiano escolar. Entendemos que esta é uma forma que eles estabelecem de se objetivarem no contexto escolar, saírem do anonimato, terem visibilidade, expressar suas angústias e ansiedades, suas visões de mundo.

Como é possível perceber, as expressões dos estudantes precisam ser compreendidas como como possibilidade de leitura crítica da vida e como possibilidade de ressignificação da mesma. Neste movimento de ler e dar significados à realidade, a subjetividade dos estudantes se constroem. Por outro lado, há manifestações que caminham para um outro lado, que traduz de outras maneiras o sentimento de não pertencimento e revolta, como: depredação dos prédios escolares, estudados por pesquisadores como Abramovay e Rua (2004) e Araújo (2000) e diferentes formas de violência, como verbal, física e psicológica.

De um modo ou outro, a escola precisa criar estratégias para, junto com os estudantes, compreender o processo de construção de suas diferentes manifestações da escola, refletir sobre os impactos dos mesmos junto à comunidade escolar e criar estratégias de desconstrução do fenômeno da violência através da reflexão e da ação. Concordamos com Duarte Júnior (2012, p. 236) quando aponta que “[...] a arte nos ajuda a significar o mundo e a existência, iluminando e desvelando aspectos não plenamente acessíveis ao conhecimento inteligível”. Desse modo, a arte e a cultura se constituirão como fios condutores de nossa ação para fortalecer as escolas envolvidas no projeto de mediação, promovendo o exercício da sensibilidade e a expressão da criatividade como formas de educar pela paz e para a paz.

## **Resultados e Discussões**

A metodologia proposta concebe o projeto de extensão como atividade que congrega diferentes sujeitos, com suas visões de mundo, saberes, valores e habilidades, numa perspectiva ecológica (SANTOS, 2007) e colaborativa. Tal postura surge da compreensão de colaboração como um processo que articula e não impõe ações, que emerge do diálogo, da leitura crítica do contexto e da deliberação conjunta de caminhos a serem seguidos.

A dialogicidade freireana, concebida como encontro dos homens mediatizados pelo mundo (FREIRE, 1996), nos ajuda a compreender que a relação entre os diferentes sujeitos envolvidos no projeto de mediação tem como cenário o contexto de vivência dos mesmos, do qual emergem importantes referências para compreender os conflitos e colaborar na superação dos mesmos. Assim, as características sociais, econômicas e culturais da comunidade na qual se insere cada uma das escolas envolvidas pelo projeto ilumina as formas como as ações precisam ser pensadas, no sentido de compreender os limites e carências vividos pelos estudantes, mas também reconhecendo e valorizando as práticas sociais e os saberes da comunidade (IBIAPINA, 2008).

Consiste, portanto, em auxiliar os diferentes atores envolvidos a compreenderem melhor suas ações e construir competências próprias para resolução de conflitos escolares (IBIAPIANA, 2008; PIMENTA; GUARRIDO; MOURA, 2000). A linguagem artística e cultural assume importante papel no processo de mediação construído entre os sujeitos, ajudando-os a exercitar de maneira criativa a leitura do mundo que os cerca e ao mesmo tempo a capacidade de traduzir das mais diferenciadas maneiras possíveis os seus sentimentos e aspirações.

A aprendizagem do olhar que se propõe crítico, investigativo e problematizador não pode ser engessado, precisa ser exercitado das mais variadas formas, possibilitando a gradativa construção de elementos formativos importantes como a reflexividade e a autonomia no pensamento (GHEDIN; FRANCO, 2008). Promover processos formativos através da arte significa criar oportunidades para o:

“[...] desenvolvimento do "ser" e o "pertencer". As diferentes linguagens ou expressões (plástica, sonora, sinestésica, dramática, literária); os diferentes diálogos (tônico, corporal, pelo olhar, gestual, sonoro, plástico), e os diferentes jogos e brincadeiras [...] significam para o educando um espaço em potencial de liberdade ou de expressão de liberdade, expressão do sentir, do criar, do ser, do estar, do pertencer, do agir, do compartilhar (HOLZMANN et al, 1993, p. 44).

De acordo com as possibilidades apresentadas, as intencionalidades de articulação entre a arte e a cultura, na abordagem da mediação escolar, articulam-se ao fortalecimento da capacidade

dos sujeitos das práticas educativas em traduzir, à luz de toda a sua vivência e olhar, os conhecimentos relativos à cultura da paz. Busca superar uma cultura de reprodução e hierarquização de saberes em direção à construção ativa de conhecimentos.

## **Conclusão**

A violência nas escolas, embora não seja um tema novo, caracteriza-se como alvo da preocupação de todos os que se encontram envolvidos ou atingidos pelo problema, sobretudo nas escolas públicas. Configura-se como um problema que não pode ser analisado de maneira deslocada da sociedade, em que está inserida a escola, mas deve ser visto como um caso específico, tendo em vista suas particularidades. A mediação, mais do que um método de resolução de conflitos, é uma prática social capaz de refazer laços afetivos, familiares e sociais. Assim posta, promove o “empoderamento” dos sujeitos envolvidos em situações conflituosas, bem como o reconhecimento mútuo e a conscientização ampliada do conflito.

## **Referências**

ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. Violência nas escolas: versão resumida. Brasília: UNESCO Brasil; Rede Pitágoras; Instituto Ayrton Senna; Unaidis; Banco Mundial; Usaid; Fundação Ford; Consed; Undime, 2004.

ABRAMOVAY, M. Enfrentando a violência nas escolas: um informe do Brasil. In: Violência na escola: América Latina e Caribe. Brasília: UNESCO, 2003. p. 84-96. \_\_\_\_\_. Violência nas escolas. Brasília, DF: UNESCO, 2002.

\_\_\_\_\_. (Org). Escolas de paz. Brasília: UNESCO e Governo do Estado do Rio de Janeiro; Secretaria de Educação, Universidade do Rio de Janeiro, 2001.

\_\_\_\_\_. (Org). Guangues, galeras, cegados e rappers: juventude, violência e cidadania nas cidades da periferia de Brasília. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

ARAÚJO, M. C. de A. Vivências escolares de jovens de um bairro da periferia de Belo Horizonte: um estudo exploratório das marcas da violência na constituição de suas identidades. 2000. 168 fl. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2000. Disponível em: <<http://www.fe.ufmg.br>. > Acesso em: 26 jul. 2006.

ARAÚJO, V. D. de. Violência nas escolas noturnas Grande Dirceu/Teresina – PI: fatos e representações de professoras e professores. 2005. 108fl. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Piauí, Piauí, 2005.

DAMIANI, M. F. “Sem as reuniões a escola não existe! Não tem como! ”: estudo de caso de uma escola colaborativa. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27, Caxambu, 2004. Anais... Caxambu, 2004. p. 1-15. CD-ROM.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. Entrevista. In **Revista Contrapontos** - Eletrônica, Vol. 12 - n. 3 - p. 362-367 / set-dez 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática docente. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. Questões de método na construção da pesquisa em educação. São Paulo, Cortez, 2008. GOMIDE, P. I. Pais, presentes, pais ausentes: regras e limites. Petrópolis: Editora Vozes, 2004. GONÇALVES, L. A. O.; SPOSITO, M. P. Iniciativas Públicas de Redução da Violência Escolar No Brasil. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 115, p. 101-138, 2002.

HOLZMANN, M. E. F., **Metodologia do ensino de arte**. Educar, Curitiba, n. 9, p. 43-47. Editora da UFPR. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/er/n9/n9a07.pdf>> Acesso em 06 de set 2016.

IBIAPIANA, I. M. L de M. (Org.). **Formação de professores**: texto & contexto. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MARTINS, João Batista. Pichação na escola e a construção da identidade juvenil. Disponível em [http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Sociologia\\_da\\_Educacao/Trabalho/08\\_18\\_52\\_PICHACAO\\_NA\\_ESCOLA\\_E\\_A\\_CONSTRUCAO\\_DA\\_IDENTIDADE\\_JUVENIL.PDF](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Sociologia_da_Educacao/Trabalho/08_18_52_PICHACAO_NA_ESCOLA_E_A_CONSTRUCAO_DA_IDENTIDADE_JUVENIL.PDF)>. Acesso em 01 jun 2016.

MOSÉ, Viviane. In Anamnese. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=thJxZl0C24Q&feature=youtu.be>>. Acesso em 01 jun 2016.

PIMENTA, S. G.; GARRIDO, E.; MOURA, M. Pesquisa colaborativa na escola como abordagem facilitadora para o desenvolvimento da profissão de professor. In: MARIN, A. J. (Org.). Educação continuada: reflexões alternativas. Campinas: Papirus, 2000, p.54-68.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In Novos estud. - CEBRAP no.79 São Paulo Nov. 2007